

# ÁRVORES E POPULAÇÃO: AS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM NO CONTEXTO DA CIDADE

**Ivete Mello Calil Farah**

*Arquiteta FAU/UFRJ, mestre em urbanismo PROURB/  
FAU/UFRJ, professora de Paisagismo FAU/UFRJ,  
doutoranda PROURB/FAU/UFRJ.*



## RESUMO

A respeito do tema "arborização urbana", a questão das relações que se estabelecem entre as árvores e a população é assunto de relevância, sendo, entretanto, pouco explorado no desenvolvimento de pesquisas. Este trabalho busca estudar essas relações, levantando os valores e significados das árvores para os habitantes da cidade. Este estudo está inserido em uma pesquisa<sup>1</sup> mais ampla que objetiva compreender como a arborização de áreas urbanas públicas, as quais receberam projeto do paisagista Roberto Burle Marx, é percebida e incorporada pela população. Para tal, foi escolhido como estudo de caso um trecho da orla da cidade do Rio de Janeiro.

## ABSTRACT

*Concerning urban forestry, the relationship established between the trees and the population is a relevant issue which is little explored in academic studies. This paper aims to study this relationship, looking at the trees values and meanings for the city's inhabitants. It is inserted in a broader study concerned with an understanding of how the population perceives and assimilates the urban forestry designed by the landscape designer Roberto Burle Marx. For this end, it has as a case study a sector from Rio's waterfront area.*

(1) FARAH, Ivete Mello Calil. *Arborização pública e desenho urbano: A contribuição de Roberto Burle Marx*. 1997. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro. FAU/UFRJ, 1997.

# ÁRVORES E POPULAÇÃO: AS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM NO CONTEXTO DA CIDADE

## 1. Introdução

A importância da presença das árvores no ambiente urbano é sempre muito ressaltada em função dos benefícios ecológico-ambientais que representam para a cidade (SATTLER, 1992; DETZEL, 1992; FURTADO, 1994). Nos últimos anos vários trabalhos têm destacado que a contribuição das árvores para as cidades também reside nos benefícios psicológicos que elas trazem e nos valores e significados que representam para a população, questões apontadas com menor frequência (SCHROEDER, 1990; DWYER et al, 1994). A compreensão desses valores, que incluem os aspectos religioso e simbólico, é fundamental para o entendimento das relações árvores-população, primordial para a definição da forma de utilização das árvores no espaço urbano.

O presente trabalho se debruça sobre este tema, buscando realizar uma análise dos significados e valores das árvores urbanas para os cidadãos como elos afetivos e simbólicos, assim como de seu uso, observando as influências das diferentes espécies neste quesito. Para tal foi fundamental a escolha do recorte espacial para esta investigação, que abrangeu trecho da orla da cidade do Rio de Janeiro, projetado pelo paisagista Roberto Burle Marx. Seus projetos se mostram interessantes para esta análise em face de sua especificidade na escolha e disposição das espécies arbóreas, enriquecendo o espectro das relações árvores-população.

O impacto psicológico das árvores sobre as pessoas é tão importante quanto outros benefícios, mas, no entanto, não pode ser medido fisicamente (SCHROEDER, 1990). A partir do desenvolvimento de estudos no campo da psicologia ambiental, muitas foram as contribuições trazidas à compreensão dos benefícios psicológicos que a vegetação proporciona à população (ver KAPLAN & KAPLAN, 1989 e APPLETON, 1975).

A investigação deste tema se aprofundou em pesquisas realizadas envolvendo a população, como o trabalho realizado por Stiegler (1990), que teve como objetivo investigar a percepção da arborização por residentes de uma comunidade nos EUA e o de Hull (1992), que buscou aferir os benefícios da arborização urbana atribuídos pela população, no qual foi constatada sua importância como um símbolo de memórias passadas, elemento que caracteriza e diferencia o espaço, destacando-se como marco referencial, como elemento que concede singularidade ao lugar, ajuda na orientação dos residentes, permite efeitos relaxantes à população e é associado à crença espiritual.

O valor simbólico, inclusive o de religiosidade, que as árvores representam para a população é ressaltado nos estudos de Dwyer et al (1994). Lewis (1990) destacou que cada pessoa tem uma interpretação da arborização urbana, de acordo com suas experiências e conhecimentos anteriores, indicando, por isso, a importância de uma visão holística da paisagem, que ultrapasse os aspectos físicos da vegetação e do design, levando em consideração as dimensões humanas e a diversidade do significado pessoal que cada um de nós adiciona, criando nossa paisagem mental.

No contexto nacional, o trabalho de Costa (1994) é pioneiro ao discutir a pluralidade de valores e significados das árvores urbanas para a população. Com um olhar sobre o Parque do Flamengo, o estudo resalta as diferentes apropriações que os usuários do parque fazem das árvores. Destacam-se entre elas as árvores como centro de afeição; o prazer e a satisfação de um intenso e direto contato físico com as árvores; e finalmente a celebração da árvore pelo aspecto religioso. O artigo enfatiza o valor destas apropriações para a vitalidade do parque e para a qualidade da experiência da paisagem que ele oferece.

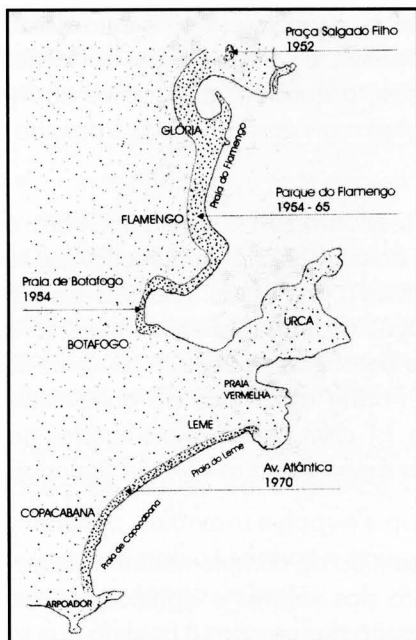
A idéia de arborização urbana vem, portanto, passando ao longo do tempo por uma evolução. De uma abordagem inicial voltada apenas para o aspecto estético e de estrutura formal entre árvore e paisagem, foram incorporados outros enfoques que consideram também os benefícios psicológicos e os valores e significados simbólicos das árvores, ampliando assim nosso entendimento sobre a importância da arborização urbana.

## 2. Metodologia Utilizada

Para a realização deste trabalho, foi definido um recorte espacial que abrangeu uma faixa da orla da cidade do Rio de Janeiro, incluindo quatro projetos do paisagista Roberto Burle Marx pertencentes a diferentes fases de sua obra: a praça Senador Clóvis Salgado Filho (década de 50), o Parque do Flamengo (década de 60), a praia do Botafogo (década de 50) e a avenida Atlântica (década de 70) (Mapa 1). A escolha deste recorte permitiu o estudo da relação árvore-população em diferentes tipologias de espaço público como ruas, avenidas, parques e *parkways*.

Esta pesquisa integra a dissertação de mestrado defendida para o Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB, que teve como objetivo estudar a contribuição da obra de Roberto Burle Marx para a arborização de nossa cidade. Uma das categorias de análise definidas para a investigação deste tema foi a relação árvore-população e os valores e significados atribuídos à arborização da área de estudo por seus usuários.

Foi adotada na estrutura metodológica deste trabalho uma estratégia de múltiplos métodos, procurando adequá-los às diversas características das fontes de informações e buscando uma complementaridade entre seus resultados. Em



Mapa 1 – Trecho da orla da cidade do Rio de Janeiro, utilizado como área de estudo, incluindo praça Salgado Filho, Parque do Flamengo, praia de Botafogo e avenida Atlântica

Fonte: Resenha da autora sobre base referencial de planta aerofotogramétrica da cidade do Rio de Janeiro

função da pluralidade de objetivos a alcançar, envolvendo não apenas o modo como o projeto e as árvores nele utilizadas chegam à população, adquirindo valores e significados, mas também vislumbrando como as diferentes espécies arbóreas e a forma como estão dispostas poderiam alterar estas questões, optou-se pela conjunção de métodos quantitativos e qualitativos. Desta maneira, foi intenção obter tanto informações de ordem numérica e generalizadas como informações mais aprofundadas e detalhadas e que pudessem, inclusive, trazer contribuições no sentido de aferir aspectos mais subjetivos e questões de valores e significados para os quais, como já discutido por diversos autores (EYLES, 1992 e COSTA, 1993), os métodos quantitativos se mostram pouco eficientes.

Integrando o primeiro grupo de métodos estão o inventário botânico, necessário para o conhecimento da vegetação existente na área de estudo, na qual este ainda não houvesse sido feito, e o mapeamento de uso e comportamento no sentido de investigar as relações que se estabelecem entre a população e as árvores a partir de sua forma de utilização. O mapeamento, realizado em trechos definidos da área de estudo, teve como objetivo levantar as diversas apropriações da vegetação pela população usuária e como esta se comporta em relação a estes elementos, com intenção também de demonstrar que é possível estabelecer correlações entre espécies arbóreas e tipos de atividades desenvolvidas pela população. O mapeamento envolveu 32 horas de observação distribuídas entre as quatro áreas, em percursos predefinidos, visando a áreas de maior utilização. Foram observadas em torno de 2.650 pessoas, as quais estavam desenvolvendo atividades ou estabelecendo algum tipo de relação com as árvores das áreas, sendo 1.120 na avenida Atlântica, 155 na praia de Botafogo, 1.180 no Parque do Flamengo e 195 na praça Salgado Filho.

Dentre os métodos qualitativos utilizados nesta pesquisa estão as entrevistas, observação de campo, observação participativa e interpretação de fontes documentais. Nesses métodos de observação, a questão quantitativa não é relevante, sendo seu objetivo trazer informações mais aprofundadas e detalhadas sobre os usos da vegetação.

A opção da utilização de entrevistas deveu-se também a este fato. Para a investigação dos valores e significados das árvores para a população, fez-se necessário o uso de uma técnica que permitisse a análise de questões em um nível de maior aprofundamento para a captação de emoções e sentimentos. As entrevistas são mais eficientes para esse tipo de objetivo pelo fato de nelas as pessoas poderem expressar-se livremente. Foram realizadas 35 entrevistas, com duração de uma a duas horas, sendo 11 com profissionais ligados ao trabalho de Burle Marx, 20 com usuários das áreas e quatro com profissionais da administração pública local.

A observação participativa foi realizada no sentido de complementar as entrevistas com usuários na busca do aferimento dos valores e significados das árvores para a população, captando a impressão das pessoas à medida que se relacionavam com as árvores. A observação de campo incluiu levantamentos de aspectos relacionados ao uso da arborização pela população, procurando, a partir de *flashes*, uma visão informal e generalizada destes usos. Durante a realização de todas as técnicas de observação e mapeamento foram tiradas 130 fotos e 36 diapositivos, que contribuíram também no processo analítico<sup>2</sup>.

### 3. As Relações Árvore-População

Para abordagem das relações que se estabelecem entre a população usuária das áreas estudadas e as árvores e do significado que estas adquirem, é fundamental a compreensão dos valores simbólicos e afetivos que elas possuem para os cidadãos. O estudo dos diferentes usos e formas de apropriação das árvores pela população são fontes enriquecedoras e muito podem revelar sobre esta relação. No decorrer deste estudo, foi analisada também qual a participação e a implicação nessa relação das diferentes espécies.

#### 3.1. A árvore como elemento fundamental da presença da natureza nas cidades

Um dos maiores representantes da natureza nas cidades são as árvores, por sua força de presença na paisagem e pelo elo natural que estabelecem com o ser humano. A presença das árvores na cidade é uma forma de reaproximar o ser humano da natureza aliando praticidade à poesia, retomando a

(2) Para maiores informações com relação à metodologia utilizada nesta pesquisa, ver: FARAH, Ivete M. C. Arborização Urbana e Desenho Urbano: Aspectos Metodológicos de Abordagem. In: ENEPEA 2000: V ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL. *Anais*. TÂNGARI, Vera (coord.). São Paulo: Semiotic Systems, 2001. CD-ROM.

ligação existente desde seus ancestrais. Assim, as árvores trazem benefícios psicológicos à população da cidade, preenchendo em parte uma lacuna advinda da necessidade de seus habitantes de um contato com a natureza.

A consideração das árvores como um elemento de grande força da natureza leva muitas pessoas a sentirem-se capazes de transmitir energia para os seres humanos pelo contato físico, ou mesmo por sua simples apreciação. Todas as árvores *per si* podem estabelecer essa troca de energia, mas pela análise supomos que as majestosas, de maior tamanho (Foto 1), parecem ter acumulado durante muito tempo todo esse poder, e as árvores de floração exuberante, por passarem, com sua beleza, uma total sintonia com as forças do universo, tendem a concentrar mais este valor (Foto 2).

Essa troca entre árvore e observador tem em Bachelard (1957) a interpretação da busca do engrandecimento da alma, enriquecido pelos dois interiores: da árvore e daquele que a aprecia, afinal a árvore se engrandece a partir de nossos sonhos e imaginação e, da relação ser humano-árvores, nasce um sonho único.

Um outro fator da relação é a sensação de proteção que emana da árvore. Estar embaixo de uma árvore significa estar protegido por sua copa e por toda a força e serenidade que transmite. É a árvore que, simbolicamente, suporta todas as condições adversas, que a tudo resiste, capaz de protegernos também.

O sentido de representação da natureza e de perfeição conduz, assim como algumas características das árvores como longevidade e fertilidade, a um significado religioso o qual, segundo diferentes culturas, abrange diversas interpretações. Algumas árvores são consideradas sagradas por determinadas culturas, como a figueira-religiosa<sup>3</sup>, para a qual os indianos rendem cultos até hoje por ser associada a diversas divindades, e outras espécies, como o *ficus indica* Vell e a paineira-vermelha, que têm relação com a figura do Buda – a primeira sob a qual obteve a Iluminação (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1969), e a segunda, sob a qual nasceu (GRAF, 1978). Com nossa miscigenação de culturas, é comum muitas dessas crenças chegarem até nós e influírem na relação das pessoas com diversas árvores. O aspecto religioso relacionado às árvores é constatado também pelas oferendas encontradas próximas ao tronco de árvores.

### **3.2. As árvores urbanas no imaginário da população**

A árvore é um elemento extremamente enriquecedor da paisagem no sentido poético e no sentido dos significados que lhes são atribuídos pelos cidadãos. A idéia da árvore como o centro do mundo, representado na Árvore Cósmica (BROSSE, 1989; CHEVALIER e GHEERBRANT, 1969), e da Árvore da Vida,

(3) No decorrer do texto, as espécies arbóreas serão referenciadas pelo nome vulgar, quando o tiverem. Na Tabela 1 é apresentada uma relação das espécies citadas com o nome científico.



Foto 1 – Exemplo de tamboril, árvore frondosa no Parque do Flamengo



Foto 2 – Abraço em ipê-roxo florido, no Parque do Flamengo



com várias interpretações em diversas religiões, chama a atenção para o peso dado a este elemento pelo ser humano em diferentes culturas. A unicidade de sentidos encontrada demonstra a força do valor do arquétipo da árvore e sua ligação com a essência da vida, em seus diversos redobramentos. A árvore representa um resumo do universo, símbolo de fertilidade e imortalidade (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1969).

Mas se a árvore simboliza o universo, e, como figura axial do cosmos, representa o meio pelo qual deuses, espíritos e almas se utilizam para transitar entre o céu e a terra (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1969), ela é também repositório de mistério.

A longevidade das árvores faz com que rompam gerações. As árvores são superiores ao tempo, mas indicadores de sua passagem. Em seu aspecto cíclico, marcam épocas e estações e apresentam analogias com características da vida humana (LYNCH, 1972). Como ressalta um usuário da área deste estudo em seu depoimento, as árvores são exemplo de tenacidade, força e revitalização. Para outra usuária, o *flamboyant* é a árvore de seu aniversário, em função da época em que floresce.

A árvore de nossa infância é capaz de levar-nos ao infinito, ao mundo fascinante e desconhecido da imensidão dos céus. Por seu tronco, escalamos galho a galho nossa curiosidade, nossa sede de aventuras e, neste percurso, tornamo-nos fortes e seguros, fortes como a árvore que nos abriga. As crianças criam fantasias, sonham com os seres que habitam no cume das gigantescas árvores, inventando histórias nas quais elas são os heróis. Por meio da energia emanada das árvores, da segurança que passam, do ninho que criam, elas abrigam e protegem de maneira tão poderosa, que as crianças se sentem seguras sob sua copa, a salvo de todos os perigos, livres de todas as preocupações, de tal forma, que ali, na materialização de seu mundo interior, ninguém as descobre. O fascínio que representam as árvores, despertando o potencial criador infantil, atuando também como um desafio, pode ser observado na forma de uso destas pelas crianças, na área de estudo em brincadeiras e escaladas (Foto 3).

### 3.3. Valor afetivo das árvores

Existe um envolvimento afetivo na relação ser humano-árvore, pois “*uma longa árvore fremente sempre toca a alma*” (BOSCO Henri apud BACHELARD, 1957, p. 205). Esse envolvimento afetivo tende a ser maior com a população moradora das vizinhanças da área de estudo, que a utiliza e tem contato com ela com maior frequência, fazendo parte de seu dia-a-dia. Todos os entrevistados dizem gostar muito das árvores da área e demonstram isso na preocupação de sua preservação e conservação. Alguns usuários chegam mesmo a agir na prática, nesse sentido, e demonstram seu carinho pelas árvores cuidando destas pessoalmente, tratando de suas doenças e danos que tenham sofrido.



Foto 3 – Crianças no jacaré, estímulo à imaginação e criação, Parque do Flamengo

Com exceção dos moradores da avenida Atlântica, descontentes com a interrupção da visibilidade da praia de seus apartamentos, não foi detectado nenhum desafeto com relação às árvores. Mesmo no que tange às espécies, apenas alguns apresentam restrição com o ficus-italiano, por considerá-lo inadequado para áreas urbanas, e a amendoeira, por ser utilizada em demasia pela cidade. Já outras pessoas têm estas como suas preferidas, o que demonstra uma variedade grande com relação aos gostos da população.

O relacionamento afetivo mais intenso com determinadas árvores ocorre principalmente quando ela foi plantada pela pessoa, localiza-se em um lugar onde está mais acostumada a utilizar ou ainda quando tem um significado de memória de entes queridos, da terra natal e de momentos de sua vida, como a infância, por exemplo. A memória de entes queridos estreita o relacionamento das pessoas com as árvores e faz com que elas ou o espaço que criam se tornem singulares aos seus olhos. Ter acompanhado a implantação do local, com o crescimento das árvores, pode ser outro fator que proporciona uma ligação afetiva maior.

Foram inúmeras as espécies citadas nas entrevistas que lembravam a infância das pessoas ou a terra natal, como, por exemplo, o coco-católé, o *flamboyant*, as paineiras, fazendo recordar de avós utilizando-se do fruto para confeccionar travesseiros, ou ainda o sabão-de-soldado, na lembrança da semente utilizada como bola de gude.

Isso demonstra a carga de afetividade que as árvores podem representar, trazendo uma referência emocional forte para as pessoas e fazendo com que se sintam em um espaço familiar. É fundamental a existência destas referências que trazem a memória recente, com uma conexão pessoal, representando

emoções mais fortes em nossa vida, diferente da maior parte da preservação histórica que estabelece uma memória remota ligada à cidade como um todo, em uma relação mais impessoal (LYNCH, 1972).

São várias as espécies que mais atraem a população, segundo foi detectado a partir das entrevistas. Entretanto, dentre estas, podemos citar algumas que aparecem mais freqüentemente nos relatos dos moradores como: o algodoeiro-da-praia, o abricó-de-macaco, a córifa, as paineiras, a paineira-vermelha, os ipês e a brássia. As pessoas costumam sentir maior atração pelo que é exótico<sup>4</sup>, diferente<sup>5</sup>, assim como também por árvores frondosas, além de sentirem-se atraídas pelas espécies de floração exuberante, destacando-se pela beleza e colorido a contrastar com o tom verde predominante no elemento vegetal.

A córifa se destaca por esses motivos, é diferente, possui grandes proporções, inclusive a própria flor (Foto 4), a qual, segundo uma reportagem, era “capaz de parar o trânsito”<sup>6</sup>.

Outra reportagem enalteceu a singularidade dessa floração e a relação com a cidade e a população que a observava<sup>7</sup>:

*“Mas de repente, a cidade pára e admira uma palmeira brotando no Aterro do Flamengo. É por isso que o Rio me encanta.”*

Árvores de floração intensa chamam a atenção de forma acentuada na paisagem, como pode ser observado nas preferências dos entrevistados e também pela repercussão em reportagens de jornais e revistas, como a que atribui as cores da cidade à floração dos ipês, na qual a árvore de destaque foi o ipê-roxo do Parque do Flamengo em frente da rua Dois de Dezembro<sup>8</sup> (Foto1). Sete anos depois, a mobilização provocada por esta mesma árvore foi registrada pelo colunista Zózimo do Amaral<sup>9</sup>:

*“Há um ipê-roxo em plena floração, no Parque do Flamengo, que vale um desvio de rota.  
É um engrandecimento a Burle Marx, onde quer que ele esteja.”*

É de destacar a impressionante motivação para alteração de percurso na cidade, gerada pela beleza de um elemento urbano: a árvore. Este fato foi observado em outras declarações de habitantes da cidade, não necessariamente usuários do parque, registradas nas entrevistas e na observação parti-

(4) Termo aqui utilizado não no sentido científico de planta não-nativa, e sim, de algo diferente do comumente conhecido.

(5) Entrevista com Luiz Emygdio de Mello Filho.

(6) JORNAL DO BRASIL. *Palmeira em flor avisa que morrerá no Aterro*. Rio de Janeiro, 24 out., 1992.

(7) XEXÉO, Artur. *A Cidade da Palmeira em Flor*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1994. Caderno B, p.12.

(8) VIEIRA, Márcia. *O Ipê-roxo já Floriu*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1989. Revista Domingo, p. 4-6.

(9) AMARAL, Zózimo B. do; BLANC, Valéria. Flores.) *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1996. Segundo Caderno, p. 3.



Foto 4 – Magnífica  
floração da córifa,  
Parque do  
Flamengo

Ivete Mello Calil Farah

cipativa. Lynch (1960), em seu estudo, também verificou a motivação de alteração de percurso na cidade, privilegiando a passagem por áreas de parque.

A atração pela flor envolve os significados simbólicos que ela possui, os quais, segundo Tuan (1974), representam beleza, graça e virtude ou ainda boa sorte, longevidade e boa amizade. Isto explica a afetividade contida no ato de presentear-se alguém de quem se gosta com flores, o que é muitas vezes feito ao se retirar estas das árvores, como foi observado durante o trabalho de campo.

As árvores frutíferas são freqüentemente citadas como preferência pela população, fato também observado no trabalho de Costa et al (1996), no qual foi detectado o costume de plantio de frutíferas nas jardineiras das ruas do bairro de Copacabana. A principal razão para isto parece estar na possibilidade de degustação do alimento, mas influi também a questão da memória, citada anteriormente, por ser comum o contato desse tipo de árvore em cidades menores, ou em quintais de antigas residências. As árvores frutíferas são, talvez por esta razão mesmo, as que mais facilmente circulam pelo conhecimento da população. Nos poucos pedidos de mudanças com relação às árvores da área, a inclusão de árvores frutíferas foi o mais freqüente, ao lado de árvores com flores.

### 3.4. População e árvore: um sentimento de posse

No estabelecimento da ligação da população com as árvores, é freqüente surgir o sentimento de posse, expresso de várias formas, tanto com relação às próprias árvores como ao espaço por elas criados. Uma das maneiras é pela ligação afetiva já comentada no item anterior, a partir da qual a árvore adquire um sentido especial, passando a existir um sentimento de posse, pelas memórias que ela evoca e pela relação a questões pessoais. A utilização de termos como “*minha árvore*” e a utilização dela como ponto de encontro demonstram isso. Esta relação foi assinalada também por Costa (1993), no Parque do Flamengo, onde pessoas se referiam a árvores como o “*seu lugar*” e “*a sua casa*”.

A marcação do território surge como uma forma de demonstrar a posse do espaço e dos objetos, deixando rastros reveladores e indicadores do uso e da posse do espaço. Foi observado que um usuário do parque, entrevistado para esta pesquisa, deixa este rastro permanentemente com o plástico usado para colocar sobre a grama, deixando-o amarrado no galho da árvore sob a qual tem o costume de sentar-se.

Estes valores são atribuídos às árvores, contribuindo para que a presença delas requalifique o espaço, dando a ele um caráter de *lugar*. A importância da árvore como um ponto de referência afetiva ressaltada por Tuan (1977) confirma que certas árvores apresentam a capacidade de catalisar sentimentos e emoções, fazendo com que a população atribua interesses pessoais a um espaço público.

Outra questão fundamental no relacionamento da população com as árvores é o conhecimento do nome, o que tem implicações também em termos de apropriação. Segundo Augoyard (1979, p. 81): “*O poder de nomear é poder sobre o espaço...*”. Conhecer as plantas, seus nomes, é uma maneira de aproximar-se delas e poder referenciar-se a elas. O interesse pelo conhecimento dos nomes das plantas, pelo menos o vulgar, foi detectado em praticamente todas as entrevistas, e freqüentemente aparecia uma grande frustração pelo desconhecimento.

Apesar do interesse, foi constatado pouco conhecimento de nomes de árvores, tanto da área de estudo como também de uma forma geral, pelos entrevistados. Entretanto, a necessidade de ter um modo de referenciar-se às

árvores, leva as pessoas, muitas vezes, a nomeá-las, criando seus próprios termos, a partir de características delas. E isto é, na realidade, como surgem os nomes vulgares da vegetação. Foi o que ocorreu com uma espécie do gênero *cecropia*, nomeada por um entrevistado como “*árvore de prata*” em função do tom prateado de suas folhas.

A apropriação explícita das árvores acontece também pela vontade que surge em consequência da preferência por determinadas espécies, de obter parte delas pela retirada de flores para deleite próprio – enfeitar-se ou enfeitar sua casa, retirada de frutos para degustação ou ainda de partes de galho ou sementes para reproduzi-la.

### 3.5. Usos das árvores pela população

As árvores têm seus usos, de uma maneira geral, acentuados pelas especificidades de suas características morfológicas, variando de acordo com as espécies. Outro ponto que influencia é sua localização na área e com relação ao contexto do entorno.

Árvores como o algodoeiro-da-praia, no Parque do Flamengo, funcionam como verdadeiras “salas de estar” a céu aberto, com seus galhos e troncos em diversos arranjos que criam bancos naturais, permitindo a disposição confortável para a conversa de número variável de pessoas, em diferentes posições (Foto 5). Essa é uma grande vantagem sobre o mobiliário urbano convencional como bancos fixos, que não oferecem possibilidades de escolha. Esse tipo de configuração de árvore é ideal também para o uso de brincadeiras infantis. O estudo de Lynch e Lukashok (1956) nos mostram relatos de pessoas que preferiam durante sua infância brincar em áreas naturais a divertirem-se em *playgrounds* convencionais, por ser mais estimulante, servindo a diversas brincadeiras. Além disto, as crianças já possuem uma atração natural pelas árvores, conforme foi visto anteriormente (Foto 3). Isto confirma a afirmação de Costa (1993), que as árvores do Parque do Flamengo são “*um estímulo à imaginação e à ação*”.

A interferência na vitalidade do uso da arborização está ligada também a outros atrativos como a proximidade do mar, como ocorre com o grupamento de algodoeiro-da-praia, mais intensamente utilizado no Parque do Flamengo, proximidade de atividades como campo de futebol, observado com um grupo de baga-da-praia também no parque, ou eventos especiais como encenação de peças.

A utilização da árvore como encosto e apoio é dos usos mais freqüentes. As árvores e suas variadas espécies apresentam um leque diversificado de possibilidades de apoio que se moldam às curvas do corpo humano, em um ajuste, com uma precisão quase ergonômica (Foto 6). Não é raro ver pessoas absolutamente encaixadas por entre os galhos de uma árvore, ou em um simples encosto em um tronco. Um uso bastante freqüente das árvores é para apoio de exercícios de ginástica e alongamento, para o qual as árvores oferecem diferentes alturas ajustáveis às mais variadas estaturas (Foto 7).

Foto 5 –  
Algodoeiro-de-  
praia utilizado  
como mobiliário  
informal



Ivete Mello Catili Farach

As árvores são constantemente utilizadas como apoio de material, bicicletas, pertences de usuários, buscando muitas vezes camuflá-los, ou como local de trabalho informal (Foto 8). Provendo sombra e apoio de materiais, as árvores marcam um ponto, fundamental para a atividade de vendas, e formam uma verdadeira tenda, podendo ser reforçada pela característica morfológica da espécie.



Foto 6 – Casal acomodado em algodoeiro-da-praia, Parque do Flamengo



Foto 7 – Ginástica em exemplar de jacaré, Parque do Flamengo

Em uma desvirtuação de seu uso urbano, é comum encontrar árvores servindo como local de moradia para mendigos, gerando graves problemas sociais, como apoio para fazer churrasco danificando o tronco e as raízes, além de macumbas feitas com velas acesas que queimam a base do tronco e que vão, com o tempo, formando verdadeiras crateras. Também lhes causam injúrias a presença de urina em suas raízes e de sua utilização como apoio de entulhos.



Foto 8 – A árvore como local de trabalho, farinha-seca na Praia de Botafogo



Ivete Mello Callif Farah

A retirada em quantidade do fruto das árvores observada desvirtua a intenção do paisagista, pois se perde, além do efeito estético, a possibilidade da degustação eventual do usuário. A retirada de ramos e galhos de árvores vistas como medicinais, comum na área de estudo pode, além de danos estéticos, causar problemas fitossanitários.

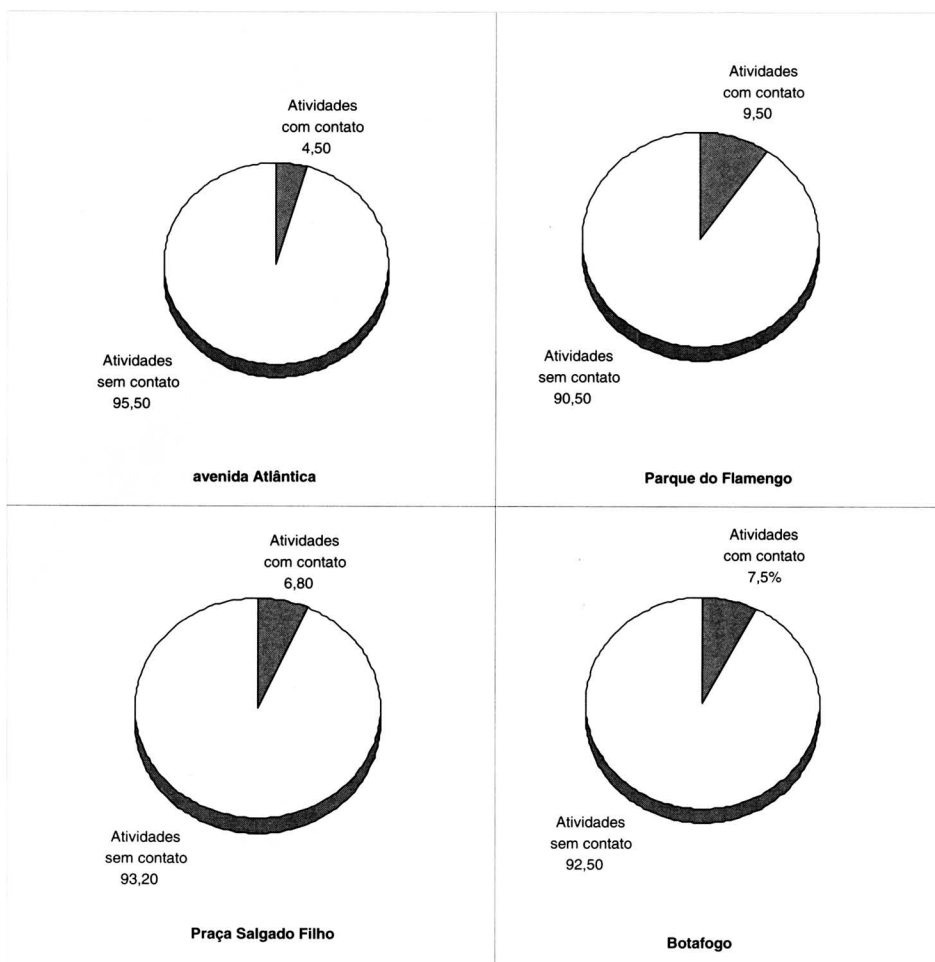


Gráfico 1 –  
Porcentagens de  
atividades de  
contato com a  
árvore na área de  
estudo  
Fonte: Elaboração  
da autora

#### 4. Considerações Finais

Por meio da observação da intensidade e qualidade do uso pela população destas áreas de projeto de Burle Marx, pode-se averiguar a importância da presença destes elementos na cidade e de como sua articulação bem elaborada influi na vitalidade dos espaços e na forma de sua utilização.

Na relação árvores-população observada neste trabalho, destacou-se o fato do contato físico direto que se estabelece entre elas, diferente do que ocorre em áreas onde detalhes de projeto impedem ou inibem a aproximação da árvore (WHYTE, 1980). Nos projetos de Burle Marx, a criação nos espaços de condições favoráveis a isso espelha sua compreensão dos espaços livres verdes das cidades como a oportunidade de a população estabelecer contato com a natureza.

A influência das espécies no tipo de contato com a árvore pode ser constatada a partir dos números revelados pelo mapeamento (Gráfico 1). Espécies como o algodoeiro-da-praia, já apontada como indutora do uso com contato físico,

Tabela 1 – Relação das Espécies Arbóreas Citadas no Texto

Nome Vulgar	Nome Científico
abricó-de-macaco	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.
algodoeiro-de-praia	<i>Hibiscus tiliaceus</i> L.
amendoeira	<i>Terminalia catappa</i> L.
brássiaia	<i>Schefflera actinophylla</i> Harms
baga-da-praia	<i>Coccoloba uvifera</i> L.
córika	<i>Corypha taliera</i> Roxb.
coco-católé	<i>Syagrus schizophylla</i> (Mart.) Glassman
farinha-seca	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.
ficus-italiano	<i>Ficus elastica</i> Roxb. Ex Hornem.
figueira-religiosa	<i>Ficus religiosa</i> L.
flamboyant	<i>Delonix regia</i> (Boj. ex Hook) Raf.
ipê-roxo	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Tol.
jacaré	<i>Pithecellobium tortum</i> Mart.
jambo-branco	<i>Jambosa aqueum</i> (Burm. F.) Alston
paineira	<i>Chorisia</i> sp
paineira-vermelha	<i>Bombax malabaricum</i> DC.
sabão-de-soldado	<i>Sapindus saponaria</i> L.
tamboril	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong
–	<i>Cecropia</i> sp
–	<i>Ficus indica</i> Vell.

Fonte: Elaboração da autora. Referências para nomenclatura científica; Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1990

apresentou grande porcentagem desse tipo de atividade, 17% no Parque do Flamengo e 9% na avenida Atlântica, ao passo que a amendoeira apresentou 3% na avenida Atlântica, e no Parque do Flamengo não se teve este tipo de atividade mapeada. As categorias tipológicas do espaço urbano também influem no tipo de contato com a árvore, aumentando as porcentagens de contato direto quanto menos restritivo é o espaço, do parque à rua.

Este estudo demonstrou a função da árvore como um forte ponto de referência do espaço e como um elemento agregador, em torno do qual as pessoas se reúnem. Pessoas sozinhas, como em grupo, buscam a proximidade das árvo-

res, ainda que seja como cúmplices de seus pensamentos ou atividades. Tanto uma mesma família pode compartilhar uma árvore como pessoas que não se conhecem, atuando como um elemento socializador. As análises vêm confirmar o papel das árvores agindo como um elemento integrador do espaço e mostram como elas espelham as características da área e de uso do espaço como um todo.

A pesquisa revelou que a arborização cumpre relevante papel como elo entre as pessoas e a cidade, confirmando o que vem sendo desenvolvido nos estudos relacionados a estes aspectos, e aponta no sentido da realização de futuros trabalhos que elucidem ainda mais este relacionamento para que tenhamos condições de compreendê-lo em profundidade e incorporá-lo plenamente aos processos projetuais.

### Agradecimentos

Esta pesquisa contou com a colaboração da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por meio do Programa de Cooperação Científica da Cidade do Rio de Janeiro, os quais contribuíram com a concessão de bolsas de estudo e do CNPq, a partir da participação de bolsistas integrados às pesquisas do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Paisagismo – NEP/FAU-UFRJ.

### Bibliografia

APPLETON, Jay. *The experience of landscape*. Chichester: John Willey & Sons, 1975; Hull University Press, 1986.

AUGOYARD, Jean-François. *Pas a pas: Essai sur li cheminement quotidien en milieu urbain*. Paris: Editions du Seuil, 1979.

BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*. Paris: PUF, 1957. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BROSSE, Jacques. *Mythologie des arbres*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1989; Petit Bibliolthèque Payot, 1993.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris: Éd. Robert Laffond S. A. / Éd. Jupiter, 1969. (*Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993).

COSTA, Lúcia M. S. A.; MELLO FILHO, Luiz Emygdio; FARAH, Ivete; CAMISÃO, Cristina. Arborização das ruas do bairro de Copacabana. In: FARIA, Letícia S. S. (Org.) III CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 1996 (a), Salvador. *Anais*. Salvador: SBAU/COELBA, 1996. p. 79-88.

COSTA, Lúcia M. S. A. Popular values for urban trees. Conferência apresentada na 70<sup>th</sup> CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY OF ARBORICULTURE, 1994. Halifax.

\_\_\_\_\_. *Popular values for urban parks: A case study of the changing meanings of Parque do Flamengo in Rio de Janeiro*. 1993. (PhD thesis) Londres: University College, 1993.

DETZEL, Valmir Augusto. Avaliação da opinião pública sobre a arborização de Maringá, PR. In: SIQUEIRA, Elizete Sherring; WANDEMBRUCK, Adilson; MORES, Marcelo (Org.). In: I CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, 4<sup>º</sup> ENCONTRO NACIONAL SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, v. 2, 1992, Vitória. *Anais...* Vitória: Prefeitura de Vitória/Cia. Vale do Rio Doce, 1992, p. 327-342.

DWYER, John; SCHOEDER, Herbert; GOBSTER, Paul. The Deep Significance of Urban Trees and Forests. In: PLATT, Rutherford; ROWNTREE, Rowan; MUIK, Pamela (Ed.). *The ecological city: Preserving and restoring urban biodiversity*. Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1994. p. 137-150.

EYLES, John. Interpreting the Geographical World: Qualitative Approaches in Geographical Research. In: EYLES, John; SMITH, David (Ed.). *Qualitative methods in human geography*. Cambridge: Polity Press, 1992. p. 1-16.

FURTADO, Adma Elias. *Simulação e análise da utilização da vegetação como anteparo às radiações solares em uma edificação*. 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

GRAF, Alfred Byrd. *Tropica: Color Cyclopedia of Exotic Plants and Trees*. East Rutherford: N. J.: Roehrs Company Publishers, 1978. (3 ed. 1986.)

HULL, R. Bruce. How the public values urban forests. *Journal of Arboriculture*. v. 18, n. 2, p. 98-101, 1992.

JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO: Área de sementes e mudas. Laboratório de sementes. *Index Seminun Promutua Communitation Offert*. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1990.

KAPLAN, Rachel; KAPLAN, Stephen. *The experience of nature: A psychological perspective*. Nova York: Cambridge University Press, 1989.

LEWIS, Charles A. Landscape in the mind. In: RODBELL, Phillip D. (Ed.). *Make our cities safe for trees: Proceedings of the Fourth Urban Forestry Conference*. Washington: The American Forestry Association, 1990. p. 33-34.

LYNCH, Kevin. *The image of the city*. Londres: The MIT Press, 1960.

\_\_\_\_\_. *What time is this place?* Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1972 (6 ed., 1990).

LYNCH, Kevin; LUKASHOK, A. Some Childhood Memories of the city. In: BANERJEE, Tridib; SOUTHWORTH, Michael. *City sense and city design: Writings and projects of Kevin Lynch*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1990. p. 154 - 173.

SATTLER, Miguel Aloisio. Arborização urbana e conforto ambiental. In: SIQUEIRA, Elizete Sherring; WANDEMBRUCK, Adilson; MORES, Marcelo (Org.). I CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, 4<sup>º</sup> ENCONTRO NACIONAL SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, 1992, Vitória. *Anais...* Vitória: Prefeitura de Vitória/Cia. Vale do Rio Doce, v. 2, 1992, p. 15 - 28.

SCHROEDER, Herbert W. The Psychological Value of Trees. *The Public Garden*, v. 6, n.1, p. 17-19, jan. 1990.

STIEGLER, Jonathan H. Public Perceptions of the Urban Forest. In: RODBELL, Phillip D. (Ed.). *Make our cities safe for trees: Proceedings of the Fourth Urban Forestry Conference*. Washington: The American Forestry Association, 1990. p. 40-45.

TUAN, Yi-Fu. *Topophilia: A study of environmental perception, attitudes and values*. Londres: Prentice-Hall International, 1974. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes, e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. *Space and place: The perspective of experience*. Londres: Edward Arnold, 1977. *A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

WHYTE, William H. *The social life of small urban spaces*. Washington, D. C.: The Conservation Foundation, 1980.